

**“SEM SABER, OS RUSSOS COMEÇARAM A GOVERNAR-SE”:
ESTUDO TEÓRICO DA OBRA DE MARC FERRO**

Talytha Cardozo Angelo ¹
Rafael Magalhães Costa ²

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar o livro “A Revolução Russa de 1917”, de Marc Ferro. Ele é composto por 146 páginas, sem considerar a bibliografia, que apresentam o encaminhar dos eventos que fizeram a Revolução acontecer, o autor apresentando isso dividindo em duas etapas.

Sendo a primeira delas a contagem intrínseca dos fatos, citando os personagens envolvidos e seus desdobramentos no âmbito social, econômico e político para a Rússia, e a segunda etapa consiste nos documentos.

O escritor realizou um dossiê de elementos que foram mencionados ao longo do acontecimento, como cartas de Lênin com aconselhamentos, as Teses de Abril, Manifesto bolchevique, Apelo Soviet, declarações [...], desse modo, ao compor a investigação, esses escritos ocupam espaço nas entrelinhas, ademais, a caracterização dos grupos sociais existentes no amplo território russo, fez-se de extrema importância.

Enquanto os objetivos, deve-se pontuar, a priori, a narrativa marcada, de modo que após a centralidade do poder no czar e a sua quebra no início do século XIX através de uma “tomada de consciência” (FERRO, 1974, p. 14), configura-se a noção de mudança por meio da revolução.

Surgem os primeiros indícios da divisão entre os próprios revoltosos em 1905, embora as diferenças de “ideologia”, o que os ligava era a motivação para derrubada da dinastia, logo, esse ódio é interpretado como “um dever tão sagrado como a defesa da pátria” (FERRO, 1974, p. 15).

Estima-se, como hipótese, que a antipatia por Nicolau II é reforçada pelo cenário que a Rússia consagra ao entrar na Primeira Guerra Mundial, posto isso, mais holofotes concentram-se na certeza de pôr um fim no czarismo, consagrando a sua permanência como algo insustentável.

¹ Graduando do Curso de Filosofia da Faculdade de Venda Nova do Imigrante; talythacardozo@gmail.com

² Professor-orientador. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFES; Raflaelmc@gmail.com

METODOLOGIA

O estudo é uma pesquisa de objetivo explicativo, pois caminha dentro da análise de uma obra, com natureza básica, abordagem qualitativa, de maneira que exerce o procedimento bibliográfico.

A principal fonte utilizada foi “A Revolução Russa de 1917”, justificada pelo ano de publicação, datado em 1974, onde Marc Ferro aborda os eventos que contribuíram para a reação da população russa nos anos próximos a grande revolução.

Em continuidade, após a leitura de autores como Richard Pires (2008), Kevin Murphy (2008) e Paulo Augusto Visentini (2017), bem como o escrito de Marc Ferro em espécie, estágio em que a coleta de dados caminhou principalmente pelas palavras-chaves: Revolução Russa; Sociedade; Século XIX; Mudanças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo de uma perspectiva de recurso, a Rússia, por passar pela Revolução Industrial tardia, apresentava forte atraso econômico, sendo este um dos responsáveis pelo que ocorria na sociedade e sua ramificação, tal falta de unidade refletia em três frentes: 1) operários, 2) camponeses e 3) burgueses; de maneira que os operários se dividem internamente por razão da chegada de novos componentes que tinham outros ideais. Ao lado disso, os camponeses demonstram preocupação quanto à propriedade de terras, outrora a burguesia também sentiu o impacto da dinastia, pois “era impossível animar a sociedade quando apenas o Estado se revelava capaz de promover reformas” (FERRO, 1974, p. 17), ou seja, no imaginário social que clamava por alterações, mas não atingiam a viabilidade para esta reverberar.

Não raro, acresce o reflexo do Ocidente na história e futuro da Rússia, sendo um pensamento que nasce até mesmo na gestão de czares anteriores a Alexandre II e suas reformas, tornando-se curioso para análise, porque muitas vezes em que medidas ocidentais eram adotadas no império ortodoxo, culminava em assassinato e/ou revolta, um grande exemplo é o próprio Alexandre II e a chamada “vontade do povo”, episódio que configura um grande impasse. Adiante desse cenário, portanto, veem-se de um lado os marxistas e do outro os populistas, enquanto o primeiro deles deposita crença em uma revolução pela classe operária, o segundo grupo mencionado – os populistas – direcionavam seus olhares para os camponeses.

Nesse sentido, é notório em meados do século XIX, um panorama de dicotomia, o que implica no resultante, pois se existe a confiança de uma classe que estava se formando pelos marxistas, do outro se têm os indivíduos que já estavam na terra. Isso é acentuado em 1883,

no instante em que os marxistas realmente saem do movimento Narodnaja Volja (FERRO, 1974, p. 18), o que demarca os marxistas e populistas como duas facções independentes. Nessa mesma linha de raciocínio, os camponeses que em seguinte configuram os populistas vislumbram a estrutura social-democrata, como comenta Pires (2008, p. 35), essa seria uma questão de lealdade.

Ao caminhar dessas problemáticas entre os revolucionários desde a liderança à organização, destaca-se que “não se pode estabelecer um acordo entre os partidários de uma organização democrática e os campeões de um partido centralizado” (FERRO, 1974, p. 19), expresso, portanto, os bolcheviques (maioria) e os mencheviques (minoridade) no ano de 1903. Todavia, dá-se um passo atrás na paginação, vale salientar o instrumento da propaganda para uma ação revolucionária, sendo ela o processo de educar a classe operária para o momento, não apenas alimentar as suas insatisfações. Estágio em que se discutem liderança, ainda que “Plekhanov julgava, como Martov, que a concepção leninista do partido revolucionário conduziria a ditadura de um só homem” (FERRO, 1974, p. 19), sob essa luz, Lênin já trazia mais uma divisão entre os marxistas: socialistas e comunistas.

A contraposição da classe operária e burguesia ficam evidentes ao desconfiar que, uma vez operante em revolta, os burgueses não iriam abrir mão da estrutura feudal, em face que o operariado junto aos camponeses iria conduzi-los a isso, mas “[...] era perigoso confiar seu destino à burguesia” (FERRO, 1974, p. 20), então prevendo Lênin, um momento em que a república socialista em seu adjetivo “democrático”, faria com que a “Rússia atrasada se apoiasse em uma Europa adiantada” (FERRO, 1974, p. 20), entretanto essa finalidade parecia insustentável sem o apoio dos camponeses e da burguesia.

Ademais, nesse cenário, o surgimento dos Soviets simboliza além de um conselho, a construção de um guia, de maneira que estiveram encarregados de criar “os embriões da ditadura revolucionária democrática do proletariado” (FERRO, 1974, p. 21). E o restante de 1905 é composto por tentativas revoltosas, momento em que a figura de Lênin adota uma postura contrária aos sociais-democratas, inaugurando mais uma teia fragmentada por inúmeras ramificações ideológicas. Não somente como também, veem-se divisões entre os socialistas-revolucionários.

Comunga dos interesses sociais, os sindicatos não conseguiram alcançar pleno desenvolvimento, e os alógenos ainda sem pertencimento de identidade compunham o palco juntamente ao proletariado segmentado, segundo Visentini (2017, p. 19), esse é o primeiro passo de um efeito catalizador. Em um salto, ao analisar a postura dos socialistas russos diante à guerra, revela-se em específico entre os revolucionários um recorte, revolucionários como

Plekhanov, Kerenski e Ckeidze ficam em lados opostos na problemática da adesão (ou não) da aproximação do czarismo para resguardar a Rússia, na medida em que diziam que era possível fazê-lo sem associar-se ao regime do czar, ou seja, enquanto alguns acreditavam na luta contra o externo sem levantar bandeira branca para a dinastia, outros, como Plekhanov, erguiam a “defesa nacional” (FERRO, 1974, p. 22) como prioridade mesmo com o preço do império autocrático.

Os constantes desencontros despertam a possibilidade de uma guerra civil, era notório mencheviques, bolcheviques e anarquistas, na perspectiva que “jamais o movimento revolucionário havia atingido tal fragmentação, perigo evidente de impotência” (FERRO, 1974, p. 23), pois cada qual se movia por uma vertente ao mesmo tempo em que Nicolau II ainda estava agindo. A duração da guerra – que em primeiro momento pensou-se terminar em breve – sofre a ação de agentes interessados em sua continuidade. Para Murphy (2008, p. 49), “[...] o clima político da época influenciou a avaliação do evento [...]” mas, essa mesma Rússia não dispunha de condição e preparo para manter-se no conflito com dignidade, além de não ter reservas “[...] o exército não mais podia substituir seus quadros dizimados durante o verão de 1914” (FERRO, 1974, p. 23), já que seu porte armamentista estava carente em comparação a capacidade das fábricas russas.

Com um exército apresentando baixas, ausência de artilharia e derrotas, no lugar de soldados começaram a preencher as frentes com camponeses, o que mais adiante piora a situação da fome, pois não tinha quem produzir. Logo, o Estado-maior cada vez com menores opções, o cenário russo em 1915, abre à necessidade de movimentar mais alistamentos para “evitar o aniquilamento” (FERRO, 1974, p. 23), todavia, não anulou o imenso número de perdas. Essas sucessivas derrotas caíam na conta do regime que tentava erguer a economia, mas essas medidas chegaram tarde demais, ao passo que auxiliou a indústria, não foi o suficiente, sendo assim, “desde então o sistema econômico se decompôs” (FERRO, 1974, p. 24), já que como supracitado, a Rússia era agrícola, e esse abastecimento é atingido, provocando um efeito dominó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, dessa opacidade, como comenta Marc Ferro (1974, p. 24) “a alta dos preços, a penúria, as filas de espera: o sistema econômico emperrara, na produção, na distribuição, no consumo. O czarismo iria reagir?” e como resposta, a reação de Nicolau II não surpreende aos padrões que ele apresentou desde sua cerimônia de coroação, o reflexo que “ao esvaziamento do governo veio juntar-se o esvaziamento do próprio” (FERRO, 1974,

p. 24), onde o czar deixa outro personagem – um comandante militar – com o que deveria ser seu papel, em meio à crise que se formava esse comportamento fere a moral dele como líder, e quando decide posicionar-se, mais uma vez: é tarde.

Paralelo a isso, no interior do Palácio de Inverno é perceptível à figura da czarina Alexandra, esposa de Nicolau II, que merece devida atenção ao estudar as articulações governamentais, e não apenas por ser alemã no cenário em que a Rússia sofria, de modo que surgem especulações dela ser responsável por favorecer a Alemanha em detrimento do país, além disso, a presença polêmica de Rasputin, conhecido como “santo devasso” (FERRO, 1974, p. 25), que se aproximou por causa de Alexis e sua hemofilia.

Devido essa gestão, “sem saber, os russos começavam a governar-se [...] a revolução não estava ainda nos espíritos; nos fatos, começava a manifestar-se” (FERRO, 1974, p. 26), com as reações populares cada vez mais explícitas após 1905, e a queda da popularidade da autocracia, aponta-se que em 1914, novos ventos traziam sinais da Duma em razão ao fim do regime. As ações realizadas pela quarta Duma comportam a convocação de audiência com Nicolau II, além de comitês e associações, segundo Miliukov, citado na página 27, “ou o governo nos está escondendo a verdade, e nesse caso está enganando, ou está cego, e isso é sinal de sua incapacidade”, o panorama faz com que mais divisões representativas apareçam em blocos e conselhos.

REFERÊNCIAS

- FERRO, M. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- MURPHY, Kevin. Podemos escrever a história da Revolução Russa. **Revista Materialismo Histórico**, n. 17, 2008.
- PIRES, Richard. **História concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. **Os paradoxos da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Altas Book, 2017.